

Ruídos da intimidade no (contra) tempo do dentro

Caio Vinicius Russo Nogueira
Priscila Faccini

A intimidade é o reino dos continentes surreais autógenos

Peter Sloterdijk

vem aos poucos, rasteja por debaixo da porta na incógnita de um som qualquer, ou melhor, um ruído, sim, um ruído sem rosto que não para de rastejar. será da casa vizinha? aqui não tem vizinhos, é terra devastada. também não são passos, isso não, ninguém tem essa leveza áspera ao caminhar assim descalço, nem mesmo as bailarinas enquanto se equilibram entre o sorriso e a pontinha dos pés desgastados, como dessas pequeninas macabras aprisionadas nas caixas de música de madeira lustrosa ao rodarem e rodarem até que uma mão insuspeita as fechem no silêncio do dentro. vem aos poucos, se debruça sob o encosto da poltrona que fiz com os tijolos abandonados e sobe, sobe num sussurro indiscernível que se acomoda em meus tímpanos massageando as lembranças que tratei de esquecer, ruído acre que desliza traçando caminhos nas curvas do céu da boca, irregulares como a abóbada de uma catedral feita, pedra a pedra, por um cego de nascença que tateia o teto sem que nenhuma corrente de medo atravessasse seu corpo pela vertigem da altura. preenche aos poucos, invade aos poucos, descendo

a garganta e tangendo minhas cordas vocais como um mínimo instrumentista de rua. e eu canto sem notar num timbre secreto, numa linguagem arcaica que se recusou a ser soterrada, uma música ainda por ser escrita numa paisagem escondida. e o canto atravessa minhas narinas como um odor de lavanda que o campo, num dia frescamente ensolarado em que a delicadeza do vento quase não se faz notar por pura timidez de sopro, destila nadando por sob meus olhos fechados, inchando minhas pálpebras com imagens. gostaria de apagar o mundo por alguns dias. não, não desejo a cegueira, isso não, desejo ver a escuridão desmaiada ao redor das cores num tempo porvir. superando um pouco o insidioso paradigma da escuridão, a insistência do negativo que a tudo devora com dentinhos horizontais em formato de menos, posso sentir meu íntimo ganhando sustentação na contramão menos óbvia dos ritmos nos continentes do dentro; cômodos internos, janelas bifurcadas, passagens e frestas que vão conectando as partes mais distantes de mim, ecos por todos os lados deslizando pelas paredes, mas se uma luz se acendesse assim de repente vinda do exterior sem aviso, iluminando a folhagem rasteira que crepita sob a minha carne possuída pelo milagre da conexão infinda, soterrando os móveis daqui de dentro com sua tão vasta dominação branca que desvela as supostas

certezas do derradeiro, eu perderia a beleza levemente deslizante que o esquecimento guarda. talvez descobrisse que o ruído é não mais que um gato a ronronar sob os cantos do depósito que agora me deito despreocupada. talvez descobrisse que o ronronar venha de mim em ressonância com os estilhaços que através do meu eu destilam polifonias aberrantes, que minha garganta exala esse motor animal em roldanas de carne e nervos, pedaços do possível afoito que desejo apagar para criar a virtualidade cheia de nuances que no mistério da intimidade não me basta; talvez eu deseje tão somente um ponto de chegada puramente ordenado, tendências do uno. não, isso não, daqui da minha poltrona de destroços domésticos posso imaginar a tristeza de Colombo quando desceu em terras depois do tamanho esforço em perder-se sem rota. do esforço em navegar sem rumo até as caravelas serem comidas pelas água, até seus ossos afundarem no desconhecido do fundo e não pararem de ir e vir com uma casa de animais marinhos que fariam de seu crânio moradia da espera. enfim a terra e a tristeza da terra, meus pés sólidos pisando a solidez do que existe e é certo e por isso não se encerra ainda.



